

PL
D.
Ru
>



O Gaiato

8 DE FEVEREIRO DE 1969
ANO XXV — N.º 650 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA * FUNDADOR: Padre Américo * VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA: DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS * COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

FESTAS

O tempo voa sem a gente dar fé! E já o Júlio me dissera da necessidade inadiável de escrever sobre as Festas deste ano, que temos só dois jornais até ao Coliseu do Porto, ao Avenida de Coimbra e ao Teatro José Lúcio da Silva — Leiria, as três, neste momento, estão marcadas, para 6, 10 e 14 de Março respectivamente! E eu dispus-me a tanto. Mas tem sido uma consumição! Sucede que o Américo chegou ao fim das suas férias na Metrópole. E nós, aproveitando a maré, requisitámo-lo para que nos livrasse destes trabalhos. Pois, S. Ex.º o Snr. Director Artístico para 1969 instalou-se no escritório ao lado do meu, de que é titular Manuel Pinto, digníssimo Secretário-Geral cá do burgo; e não me deixa com o barulho e intromissões continuadas. Considero-me, pois, a primeira vítima dos atropelos que as Festas vão produzir na nossa vida. Apoquentado pela falta de inspiração, tentei saber algo e fiz-lhe uma visita. Sobre a mesa os seus planos de batalha, com

todas as operações devidamente cronometradas, «a contar com o paleio final com que o Sr. (eu) vai indrominar os espectadores!» Ora vejam lá o desaforo e a injustiça! Eu que, podendo, ficaria calado como um ratinho do princípio ao fim! «Indrominar...!» Doutra feita, outro, após uma viagem um tanto acidentada (que pelos vistos lhe fizera «vir o credo à boca» algumas vezes) ao entrar o portão da nossa quinta, muito sereno e grave, voltou-se para mim: — «O Sr. sempre é um estabalhoado a guiar...!» E eu ainda caí na asneira de contar ao nosso P.e Acílio que riu, riu... e sempre que pode, aproveita para meter o agulhãozinho de um «estabalhoado» proferido de chofre! Ora estas faltas de respeito a pessoas tidas por «muito experientes em matéria de educação», é que são uma «indrominice» que Sr. Américo não põe no palco, ao respeitável público, entre as cantigas e danças que lhe oferece! Pois o Américo prepara uma revistazinha. «É o que eu

sei fazer e farei» — diz ele muito decidido. Eu ainda sugeri uma modinhas brasileiras, e ao menos qualquer coisa mais lé-lé, para atender a gente nova. Mas o Américo não vai por aí; antes me consulta várias

Continua na SEGUNDA página

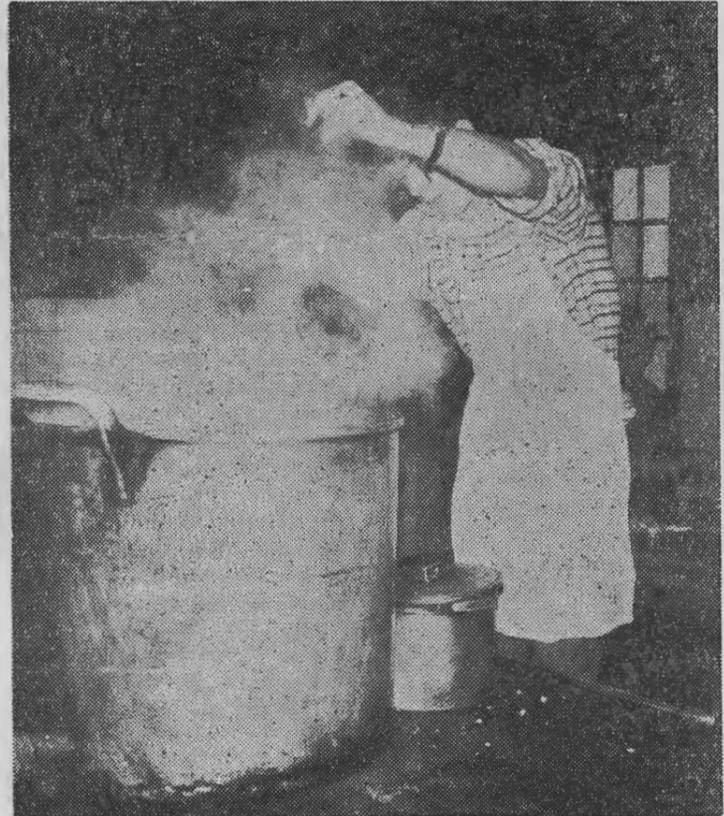
«O fundamento da Obra da Rua é a sua pobreza. «Os Padres da Rua» são mendicantes; padres pobres ao serviço de uma Obra pobre. Sempre que for necessário, saiam a mendigar de porta em porta e recebiam por amor de Deus, tanto o sim como o não. Também, com licença dos Bispos, vão pelas igrejas e apresentam-se ousadamente como padres sem ouro nem prata; sabendo que a eficácia da palavra que faz estremecer as almas, provém, não deles, mas sim da total concordância entre o que dizem e o que realmente são.»

As palavras transcritas são de Pai Américo, deixadas aos seus sucessores no seu testamento espiritual. Muitas vezes as temos lido e relido, não vá a «traça» instalar-se no nosso coração,

AQUI, LISBOA!

apesar de termos abandonado cursos, empregos e bens do Mundo. O Senhor manda-nos estar vigilantes e todo o cuidado é pouco; a busca de honras ou grandezas e o culto das vaidades, sob a falsa aparência de humildade, infiltram-se, não pouco sub-repticiamente, no nosso viver. «É necessário ter a coragem da pobreza. A posse e a busca da riqueza, como fins em si, constituem a paralisia do amor. Quer se goste da pobreza de Cristo, quer não, ela é essencialmente uma libertação, um convite a uma vida nova e mais elevada em que os bens do espírito e não os da Terra, têm a primazia». Estas expressões, vindas da Cátedra de Pedro, ajudam-nos a trilhar o caminho escolhido, nem sempre fácil e ao alcance da compreensão de todos, mesmo de certos responsáveis, mas aliante e rico de expressão. «Como padres sem ouro nem prata» vamos pedir, para preservarmos da miséria aqueles que dela vieram, quer moral quer material, procurando assegurar-lhes as condições indispensáveis par uma vida digna,

Continua na TERCEIRA página



PAÇO DE SOUSA — Cozinha e panelões, dão de comer a 180 bocas. É muito trabalho. E preocupações. E sarilhos. Em todo o lado é assim!

MALANJE

O «Belotas» não é coitadinho, meu senhor!, como disse, olhando-o. Coitadinho, quê? Ele teve um carrinho de plástico. Brincou com ele como o seu filho com os brinquedos caros... como o menino da sanzala com o carrinho de canas que ele fez e conserva. Nunca diga: ai coitadinho! Reconheça neles a mesma humanidade, a mesma filiação divina, igual sorriso encantador perante os seus respectivos centros de interesse. Venha ele o dia em que, sem violência, na mesma tarde

— o teu, o meu, e o outro — brinquem com um carrinho de bambu, feito por eles pois lhes dá mais consolo. O teu é branco. O «Belotas» é mestiço. O outro é preto. A cor é o quê?! Então não haverá mais cor... serão três crianças a brincar no quintal! x x x O Mârto vem a correr: — Sr. Padre à Cela nasceu um filho. A Cela é uma vaca; o filho é um vitelo. Dizem eles: «Casa de rapazes, só nascem vitelinhos».

O Mârto é da Gabela. Dum bairro de adobos e capim, onde não há vitelinhos. E ele vibra com o palpitar da vida — o vitelo a mamar e a brincar... Ficou cheio. E veio logo a correr — distribuir a beleza. x x x É noite. Choveu todo o dia! Que lindo está o nosso algodão! Trazemos lá trinta trabalhadores. Vamos passar para os quarenta, para que não lhe falte, todos os dias, o afago das enxadas. P.e Telmo

BELÉM

Estimados leitores, recebi a seguinte carta, a que hoje vou responder: «Peço desculpa de lhe vir roubar alguns minutos do seu precioso tempo, mas, o desejo dum conselho sobre um caso cujo tipo, infelizmente, deve conhecer às dezenas, leva-me a fazê-lo. Existe aqui uma anormal, bêbeda de aspecto repugnante, vivendo quase a monte. Só de olhá-la se sente medo. Pois essa anormal é procurada e assediada por homens (eu diria antes animais) e tem um filho de 19 meses. Em Junho passado, era tal a pouca vergonha no lugar em que vive (chegava a vir nua para a

rua), que um grupo de senhoras resolveu interná-la no Sobral Cid. A criança deu entrada num Asilo. No mês passado, qual não é o nosso espanto, a mulher é posta fora do Sobral Cid, a poucos meses de ter outro filho! Vem na mesma, a pouca vergonha continua. Começa a reclamar o menino existente, mas felizmente, parece que a situação desse está segura, pois está a intentar-se uma acção de inibição de paternidade. Mas o que está pra nascer? O Juiz disse-me que, se houvesse uma casa onde o recolher, logo que ele nascesse, daria ordem para não ser entregue à mãe. Mas, aqui na província, não sei a quem

Continua na QUARTA página

"A Porta Aberta"

O «A Porta Aberta» continua o seu peregrinar. É farol que alumia; chama que aquece; lenitivo para dores; enfim, descoberta de um caminho para almas sôfregas de mais e mais. Ouçamos uma Mãe:

«Recebi em nome do meu filho o vosso livro «A Porta Aberta», que agradeço. Ando a ler, mas tem de ser aos pouquinhos, para poder meditar no seu sabor Evangélico e aprender a ser uma pedra viva, no mundo. Logo que o acabe de estudar, enviá-lo-ei para Luanda, onde se encontra o meu filho. Envio 50\$00, a miçalhinha da viúva, só para a bela apresentação e encadernação que apresenta o vosso livro.

Em meu nome e em nome de meu filho, muito e muito obrigada».

A gente cai de joelhos, quando mastiga a correspondência dos leitores! São horas de oração e meditação. São horas que nos

esmagam. E prostram o mais frio dos mortais. Apetece-nos calar o bico. E deixar que outros falem. E se abram — para que todos lucrem com o diálogo salutar. É o que vamos fazer, dando a palavra a outra Mãe:

«Acabei de receber «O Gaiato», em que falam do «A Porta Aberta». Também eu tive a maior alegria de o receber no Natal. E venho dizer que, ao contrário do ass. 30207, não consegui ler devagar, pois cada vez que parava maravilhada e ao mesmo tempo envergonhada de sendo mãe de 9 filhos não os saber educar como o Padre Américo, só para a bela apresentação e encadernação que apresenta o vosso livro. Tinha que pegar outra vez no livro; ao acabar deixei-o à mão, isso sim, para o reler de vez em quando».

Agora a legenda de um Pai — o assinante 2850:

«Recebi o muito agradeço o vosso livro «A Porta Aberta»,

que tiveram a bondade de me enviar. É um excelente livro que todos os chefes de família devam ler. Muito e muito obrigado». (O sublinhado é nosso).

Sentimo-nos felicíssimos com o interesse dos Pais, pelo extraordinário depoimento de outro inserto no «A Porta Aberta» — o do nosso querido Pai Américo. E, assim, reparem na Amizade que une este simpático Casal:

«Recebi «A Porta Aberta» na semana do Natal. Se só hoje acuso a sua recepção, não foi por esquecimento. Mas sim por falta de tempo. Pois que até no próprio dia de Natal tive de trabalhar! Dizer da enorme alegria desse precioso livro não sou capaz. Pu-lo no sapatinho do meu marido, pois sabia da sua enorme alegria em o receber. Quando fiz o pedido esperava que ele chegasse a tempo do seu aniversário (4/12). Tal não aconteceu; mas a alegria foi maior no sapatinho. Meu marido anda a lê-lo e eu folheio de vez em quando. Ainda não tive tempo, pois terá de ser lido e saboreado. É doutrina autêntica e verdadeira de Cristo».

Eis o segredo da beleza e perenidade de tudo quando saúdo do punho de Pai Américo — «É doutrina autêntica e verdadeira de Cristo». Muito bem. Segue nesta procissão, d'alma aberta, uma Professora transmontana. Ei-la:

«Só hoje tive oportunidade de vos acusar a recepção do livro «A Porta Aberta» que me mandastes. Logo no dia que o recebi tive de fazer um grande sacri-

fício, pois estava a fazer um trabalho para apresentar no dia seguinte e, não pude sequer começar a ler.

Cada página que tenho lido me serve para ver como sou egoísta e como amo tão pouco e tão mal. Por isso, não tenho tido, como educadora (sou professora), os resultados que desejaria. Rezem por mim.

Segue um vale de 100\$00 que se destina ao pagamento da minha assinatura de «O Gaiato» e uma pequena lembrança para recompensa do «tesouro» que me mandastes».

Um «tesouro»! Abençoado «A Porta Aberta»!

Finalmente, encerremos hoje a Voz do Leitor com a vibrante carta de um bom e velho Amigo de Lisboa:

«Venho agradecer o esplêndido livro «A Porta Aberta». Que grande Apóstolo; que grande psicólogo e pedagogo que foi o Padre Américo, Homem de Fé, fiel ao Evangelho e à Santa Igreja, ele sim que tinha carismas e dom profético. Fizeram bem em terem recolhido da grande sementeira dos seus escritos as partes mais salientes e terem ordenado um compêndio de pedagogia catequética inigualável.

Pelo correio vai um vale de 200\$ com a seguinte finalidade: Enviarem um exemplar às pessoas indicadas na lista anexa. E o que crescer, para enviarem um exemplar às pessoas que julguem poder vir a lucrar com a sua leitura, especialmente dirigentes de institutos de rapazes».

x x x

Um P. S. — Aproveitamos a ocasião para informar todos os leitores que solicitam informações sobre as nossas edições que temos apenas em estante as seguintes obras: «Pão dos Pobres» II e III volumes; «Obra da Rua», «Ovo de Colombo» e, claro, «A Porta Aberta». Assim, todos ficam, uma vez mais, esclarecidos. E poupamos selos do correio.

Júlio Mendes

FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

vezes sobre melodias antigas, que ele prefere, e das quais percebo qualquer coisa, modestia à parte! De modo que me arrisquei a pedir-lhe: — Não me dás antes um númerozinho em troca da «indrominice» final? — Não, respondeu-me ele a rir. O Sr. canta no fim o seu fadinho e boa sorte!

x x x

O Júlio anda muito calmo. É certo que ainda o ano velho não tinha acabado e já ele concluíra por sua conta e risco parte das burocracias necessárias às Festas. Mas quanto à propaganda, está muito calmo! Ainda me não falou em ir aos Rádicos, nem aos Jornais nem à T. V.. Será que este ano o Júlio confia no seu público e se deixa mais quietinho ao pé dos seus tipógrafos, na certeza de que o Coliseu se encherá uma e outra vez, e da mesma sorte as outras salas acende fornos? Deus queira que sim!

Em Coimbra, P.e Horácio, pensava pôr já os bilhetes na Casa do Castelo. «A Maria Teresa tem pedidos e quer-os quanto antes na sua mão, que os passa todos».

P.e Horácio é um homem previdente e tranqüilo. Assim é que está bem.

Desta forma os Senhores só terão aqui mais uma lembrança das Festas nas Capitais do Norte e do Centro e em Lleria. Estejam atentos e não falem.

Das outras terras, a seu tempo se dirá.

Visado pela

Comissão de Censura



O telefone voltou a tocar. Era a segunda vez com intervalo de poucas horas. O mesmo assunto: — Pai desempregado com cinco filhos à sua volta. Que recebêssemos ao menos um, pediam do outro lado.

São frequentes estes telefonemas. A primeira ideia que surge a quem vive estes dramas de família é separar ainda mais a família, retirando os filhos de seu ambiente natural, a família. Ora a Casa do Gaiato quer precisamente o contrário. Quer salvar a família. Quer unir, mas nunca separar. Só quando não puder conseguir este fim, então abre as portas e dá aos filhos o que eles, do outro lado, não têm — uma família.

A primeira ajuda a dar a este pai desempregado é dar-lhe emprego para que possa ter junto de si todos os seus filhos.

x x x

O Joaquim fugiu. Depois de alguns anos a viver conosco, fugiu. Uma ferida que se abriu em nosso coração.

É grande o esforço que o rapaz tem de fazer para resistir à rua, à vida livre que antes levava, à tentação de independência para a qual não teve tempo de se preparar. Esforço heróico. Estes rapazes são heróis.

Foram seis ou sete meses de vida fora do nosso tecto. Impressa no seu íntimo ia a marca do Amor desinteressado, enquanto viveu conosco. A semente não foi lançada em vão.

Passaram-se seis meses e o Joaquim bate-nos à porta. Quer regressar. Nem os 16 anos que tem, o impediram de voltar. Foi à hora da oração familiar. Todos os membros reunidos no átrio da Casa-Mãe. Pergunto se alguém se opõe ao seu regresso. Ninguém levantou a voz. Todos o querem no seu meio. A solidariedade. Os laços que a todos prendem nem a ausência é capaz de destruir. A ferida aberta fechou....

Padre Manuel

Lourenço Marques

Estava no aeroporto, para cumprimentar um amigo de regresso à Metrópole, quando apareceu um senhor já conhecido. Cumprimentámo-nos. Pergunta-me se os nossos vendedores de «O Gaiato» entregam sempre tudo. E fala dum visita que fez à nossa Casa pelo Natal para ver um dos nossos! É o Ezequiel.

«Ele vai à COOP vender «O Gaiato»; se eu não estou, senta-se na minha secretária e espera. Se demora deixa o jornal e vai embora. Dou-lhe sempre o dinheiro que me vem à mão. As vezes são cinquenta escudos. Ora na venda do Natal aconteceu não estar. Deixou o Jornal e disse que queria desajar-me as Boas Festas. Eu soube e por isso é que lá fui. E ele foi arranjar-se muito bem

para me receber. Eu gostei. Eu quero mandar todos os meses cem escudos e vou mandar por ele».

A amizade deste para com a Obra, que nasceu da amizade que este rapaz soube conquistar, foi um motivo forte para naquele mesmo lugar dar graças a Deus por aqueles que me confiaram. Espero que nunca nenhum deixe ficar mal a Família a que pertence. Espero que continuem a ser um escol digno e fiel em que a Obra se apoia para ganhar mais e maiores amizades. É o bem deles e dos irmãos que está em jogo.

Digo sempre que sim a quantos põem em causa a fidelidade dos vendedores de «O Gaiato». Graças a Deus, até hoje, só na primeira venda houve um deslize; mais crian-

cice que malícia. Nunca mais. Eles são fiéis mesmo quando teriam motivos para desculpa. Pessoas há que ao comprar o jornal juntam mais algum dinheiro e dizem: «Este é para tu comprares bolos». São eles que mo contam para dizer que não o fizeram.

Sabem que o não devem fazer, porquanto tendo licença para gastar dez escudos a meio da manhã, numa pequena merenda que lhes agrade, muitas vezes não o fazem por falta de tempo. Põem acima disso a tarefa de vender os seus jornais.

Como não hei-de de ficar contente e dar graças a Deus! Como isto dá forças para me fazer tudo para eles!

Padre José Maria



Muitos dos donativos que aqui vêm, leitor, são presença dos nossos Amigos, na quadra natalícia que passou. Eles não se esqueceram, e nós também não, pois junto do Presépio pedimos ao Jesus Menino, paz, saúde e benção para todos os nossos benfeitores.

E vamos ao rol. Começamos por anotar o costumado vale de 5.000\$, da Senhora dos cobertores que, desde há anos, não tem faltado. 100\$ de Lisboa. 20\$00 C. C. N.. Pinto & Cruz, L.da com 3.000\$. G. C. J. com 150\$00. Roupas

Serpa, Faro, Aveiro, Portalegre, Ilhavo, Amadora, Lisboa, Porto e Vila Nova de Gaia.

Dicionários vários de Lisboa. 258\$50, dá amiga do Henrique. 2 cortes de sola de Monteiro, Ribas. Da Fábrica Pachancho, de Braga, 320\$00, importe dum débito da nossa Casa de Benguela. Flanelas dos Armazéns Braga. Uma Amiga com 100\$. Muitos anónimos com 100\$00, 50\$, 20\$, 100\$, 20\$, 200\$, 20\$, 100\$, 100\$00, 50\$, 150\$, 50\$00, 200\$, 300\$, 100\$, 200\$, 100\$ e 500\$. E tudó que entregam em mãos no nosso Lar do Porto.

Mais 200\$ de algures. Para sufragar a alma de José Manuel Castilho Vasconcelos Barbosa, 250\$. Gente amiga da ORSEC, com mil. Do pessoal das Malhas Ferpos, 500\$. Ass. 17264 com 4.000\$. Dum senhor Engenheiro, 500\$00. Através de «O Comércio do Porto», 950\$, total de donativos lá entregues. Da Fábrica Malhas «A Nacional», pacote com peúgas. Sapatos e sandálias da Ourivesaria Oliveira, de Braga. Roupas e calçado de Lisboa. Mais chancas e sapatos, da Fábrica de Calçado «Mariposa». Recebemos, sim

«A nossa Obra não é dos escolhidos... Somos a seara do trigo e do joio».

Dois dos nossos vendedores de «O Gaiato» mais velhinhos e de mais confiança deixaram-se tentar diante duma mostra de calçado: «Eh pá, olha aquelas botas agora pró Natal!». O outro ouviu, ficou vencido e logo lhe ocorreu uma ideia: «traz dinheiro do peditório».

Tudo muito simples. No dia do peditório meteu a mão na saca e despejou dentro das meias que trazia calçadas. Chegado a casa, dividiu. Ambos ficaram senhores do seu tesouro roubado.

Passados três dias era a partida para a venda onde fariam o negócio. Porém o que havia tirado, na altura do banho, esqueceu-se do seu quinhão no balneário e só na viagem deu pelo esquecimento.

No dia seguinte o Barnabé que andava a limpar o balneário encontrou uma bola de meias e dentro algumas notas. Veio todo ofegante entregar-me. Eu ia a sair para assistir ao casamento do nosso Zeca. Parti, mas a viagem foi de amargura.

O outro dia era véspera de Natal. No fim do café eu disse da minha mágoa por ainda não ter aparecido o culpado e assim as festas do Natal seriam tristes. Os olhos de todos encaram-se na tristeza dos meus. Em cada um ficou a missão de responsável. Passei o dia todo na cidade e o recado da manhã não me saiu do pensamento.

A noite quando cheguei e entrei no escritório entrou também o herói, que chegara da venda momentos antes:

«Venho dizer-lhe que o dinheiro era meu». Fitei-lhe os olhos rasos de lágrimas e disse-lhe que devia confessar a sua falta a todos, pois todos sentiram a aflição daquele dia. Daí a momentos, já à mesa, ele de pé, no meio da sala, toma a palavra e confessa a sua culpa. Todos o escutaram com os olhos e os ouvidos em festa. Todos teríamos festa de Natai.

X X X

Pelo que fica dito parece tudo muito simples e tudo arrumado. Mas não. O culpado fora descoberto e ainda assim não dissera a verdade toda e não revelara a origem do dinheiro e o seu cúmplice. Estas descobertas vão mostrar-vos, um pouco, a responsabilidade de cada um dentro da Obra que é deles.

Em vez de um culpado eram dois. «Risonho» foi o grande descobridor. A hora do comboio que traria os dois em quem caíam as suspeitas, «Risonho» foi para o fundo da nossa quinta esconder-se atrás dos arbustos para melhor presenciar a sua chegada. Mal chegam perto de casa logo um deles se apressa a correr para o balneário enquanto «Risonho» aparece e pergunta ao outro se sabe alguma coisa e assim descobre os dois. Como era véspera de Natal tudo acabou assim.

Passados dias chamei a ambos. Quis saber toda a verdade. Custou muito, mas por fim confessaram. Disse-lhes da confiança que todos tínhamos neles. Na presença da Obra que está na responsabilidade dos seus actos. O carinho que lhes têm todos os que os recebem. A tentação a que estão sujeitos quando são portadores do dinheiro que lhes confiam. O desejo de ter muitas coisas como muitos da sua idade. Como todos ficámos ofendidos, mais pela sua atitude mentirosa, do que pelo seu roubo. Que tinham obrigação de pedir perdão não só a Deus, mas a todos nós.

Dias depois, à hora do almoço, eles pedem ao chefe para mandar calar. E, diante do olhar faiscante de todos, os dois contam toda a verdade, pedem perdão e prometem nunca mais proceder assim.

Eu não estava. Quando cheguei encontrei umas botas novas debaixo da minha cama. Eram as botas que um deles já tinha comprado. A noite bateram à porta do meu quarto. Eram os dois: «Nós queremos pedir perdão».

Não dissemos mais nada. Esquecemos tudo. Eles continuam a vender «O Gaiato» e ajudarão a fazer os peditórios. Não de libertar-se pelas suas próprias culpas. Têm de acreditar naquilo que eles mesmos afirmam: «Nós somos os orientadores de nós próprios».

Padre Luís

Padre Horácio

Do que nós necessitamos

de Lisboa e da Beira. Cá vai o casal muito amigo, com 100\$, de «nossa filha para os vossos filhos». Mais 100\$00 do Porto. Várias presenças destinadas ao Barredo. Da Sociedade de Cristais, 200\$00. De Rio Tinto, os 100\$ de todos os meses. Maria da Conceição, com 250\$00. De Gondomar, 50\$. Duma Funcionária dos C. T. T., 100\$00. Da Invicta, 20\$. Da mesma procedência, um fato, 150\$00 e um chale para uma velhinha. Mais 8 magníficos sobretudos, de Aveiro. Benedito Barros & C.a, com 10m de escocês e 9,5m de cheviote. Mais roupa de Horta - Faial, «para um Pobre doente e bem precisado». Assim se fará.

Roupas e frascos com doce, de Vila Nova de Cerveira. Da Fábrica de Malhas de Silveiras, 2 caixas grandes com camisolas interiores e exteriores, meias, cuecas, etc. Mais vestuário de

Da Gerência da Empresa Industrial Sampedro, que tão nossa amiga tem sido, toalhas, panos para lençol e outros panos. Roupas e dinheiro da Rua do Souto, em Braga. De quem todos os anos se lembra de nós, recordando o dia 6 de Novembro, retalhos de flanelas e pano de lençol. Os empregados do Banco Pinto & Sotto Mayor, por intermédio dum seu gerente, que nos visitou, deixaram 4 bolas novas de futebol, 22 pares de sapatilhas e 390\$. Mais 6 lençóis do Porto, em memória do Sr. António Fernandes de Carvalho, que foi da Sociedade de Tecidos «Confiança». É anual esta lembrança. Bem hajam.

Várias remessas com a legenda «Para o mais pobre dos Pobres». Não sabemos donde é este nosso Amigo, mas a sua perseverança diz-nos que acompanha este nosso caminhar.

senhor, a oferta da Neozinha, de Lisboa.

Como nos mais anos, cá vai o Pessoal da Fábrica de Fiação e Tecidos do Jacinto, com a oferta de 3 mil escudos. Do Porto, 20\$. Da Amadora, 100\$ em selos do correio. Sopas Knorr e muitos pacotes de massas, de Sousa, Valente & C.ª L.da. Camisas e impermeáveis dos Armazéns do Norte. Lisboa com 100\$. 50\$ do Porto. Do Grémio Nacional dos Industriais de Serração de Madeiras, 100\$. Mais a contribuição do Pessoal do Posto Clínico n.º 3, da Federação das Caixas de Previdência, com 1.000\$. Mais mil de Coimbra. 1.985\$, de Benoni, dos nossos amigos Eduardo e Fernanda, 100\$ de Valadares. Uma avó beirã, com 100\$. Do Sobrevivente do casal R. D. 50\$ mais 100\$. Obrigado.

Manuel Pinto

Cont. da PRIMEIRA página

em que não falte o essencial para o seu desabrochar e a sua plena afirmação como Homens, criados à imagem e semelhança do Criador. Este mendigar nem sempre é fácil e bem sucedido, ao contrário do que alguns pensam, por nunca o terem experimentado. Pessoalmente, devemos confessar que já temos passado duas e três vezes pelos mesmos locais, antes que entremos ou tenhamos a coragem de falar, mesmo a Irmãos no sacerdócio, para pedir qualquer coisa. Muitas ocasiões, mesmo, só depois da oração preliminar ad hoc conseguimos ter forças para encarar «o sim como o não» daqueles a quem buscamos. Pobres por devoção, sem nome, privados de categoria aos olhos do Mundo, sem podermos retribuir em honrarias e privilégios, ou em amizades desejadas segundo os conceitos sociais, somos movidos por aqueles que temos à nossa responsabilidade e a quem Deus nos manda amar como a nós próprios.

Para muitos torna-se desconcertante o «é proibido aceitar heranças por testamento», de Pai Américo. Temo-las rejeitadas inúmeras vezes, pequenas e chorudas, sugerindo até instituições ou pessoas capazes

Aqui, LISBOA

de as aceitarem. Não é nossa norma de trabalho e cada um tem a sua. Pressentimos e até ouvimos, não raro, expressões de espanto ou desconfiança e de desilusão. Basta-nos entender a breve explicação: «Não se deixem levar pelo falso raciocínio de que tendo mais, podem fazer melhor, no caso de uma herança. Não é verdade. É a carne a falar. Rejeite-se aquele pensamento por um

acto de fé na vida e nas promessas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sabemos que, pelas riquezas, viria naturalmente a cobiça; e por esta a intromissão. Acabariam na Obra os Pelicanos e entrariam os administradores dos bens, em detrimento do Rapaz.» Nós somos, ainda que fracos e defeituosos, os instrumentos de Deus para levar muitos homens a decidirem-se em plena vida pelo sim

ou pelo não, em perfeita consciência, livremente; os bens de mão morta não têm lugar nas nossas Casas. Não se poderá dizer que procuramos o fácil ou o sensacional, digno das gazetas e das bocas do Mundo!

Vem este arazoado a propósito do facto de termos iniciado a nossa labuta de pedintes pelas igrejas de Lisboa, sabe Deus com que sacrifícios e dificuldades. Se nos ouvires não deixes de compreender que levamos atrás cem Rapazes, com suas necessidades e problemas; na mente vai impressa, como que realizada a nova Aldeia; no coração o desejo de contribuir, ainda que como gota de água no oceano, para uma sociedade nova, onde cada um ocupe o seu lugar, nos seus direitos e deveres, e onde não sejam precisas Casas do Gaiato ou padres mendicantes. Se nos encontrarmos, une a tua cruz à nossa que já temos a nossa unida à tua. Acompanhados vamos melhor!

FESTAS

EM MARÇO

DIA 6

às 21,30 h.

COLISEU DO PORTO

Bilhetes à venda — dias úteis: *Esperança da Moda, Rua dos Clérigos, 54;* todos os dias: bilheteiras do Coliseu do Porto.

DIA 10

às 21,30 h.

Teatro Avenida—Coimbra

Bilhetes à venda: *Lar do Gaiato, tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia;* e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

DIA 14

às 21,30 h.

Teatro Lúcio da Silva Leiria

Bilhetes à venda nas bilheteiras do Cine - Teatro.



PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Amigos Leitores. Desta vez venho dar-vos uma notícia engraçada. Ontem o Agostinho (chefe maior desta Casa), foi apanhado por um agente da polícia de trânsito. E que reis saber porquê? O Agostinho andava a trabalhar fora, no seu ofício de carpinteiro. Quando se dirigia para Casa na nossa bicicleta, o polícia mandou-o parar e pediu-lhe os documentos. O Agostinho disse-lhe que não os tinha e que era da Casa do Gaiato. O referido agente fez-se conduzir até nossa Casa onde contou o caso ao senhor Padre Horácio. Claro que o polícia tinha carradas de razão porque nós abusamos um bocadinho da liberdade que temos, pois o Agostinho vinha numa curva com as mãos nos bolsos. O Agostinho chegou a Casa muito atrapalhado. Quase não podia falar. É para outra vez não se armar a andar sem mãos á frente da polícia. E o que lhe valeu é que o polícia era boa pessoa. Senão engavetava-o!

Falando de bicicletas quero dizer-vos que temos apenas uma e todos gostam muito de andar. A que temos foi-nos dada por um dos nossos rapazes que se encontra

a cumprir serviço militar. Mas, como os nossos amigos sabem, a bicicleta é um meio de transporte, e nós aqui temos que aviar muitos recados e ir tirar muitas medidas e o único meio de transporte que temos é a bicicleta. Alguns dos amigos leitores se por aí tivesse alguma que não lhes faça falta tenha a bondade de no-la oferecer porque nos faz jeito.

Futebol — Como o tempo tem estado ruim temos o nosso campo em fraco estado. Mas não é só o campo, o equipamento; são as chuteiras que não temos e as bolas que também poucas são. Ainda há dias fomos convidados por uma equipe duma terra próxima. Aceitámos de bom gosto pois não queremos perder a forma actual. Chegou o Domingo marcado para o encontro e os nossos adversários não compareceram! Em compensação apareceram no domingo seguinte e como nós não estávamos a contar, não pudemos efectuar o jogo! Mas, para os nossos amigos não irem contrariados, emprestámos-lhe a nossa bola e eles arrebitaram-na. Agora é que não temos nenhuma. Se os amigos nos quiserem oferecer um equipamento ou até mesmo dar-nos umas bolas ficar-lhes-emos muito gratos.

Inverno — Chegou e com ele o frio e as manhãs de geada. Alguns ainda não têm calçado, e é uma dor d'alma vê-los cheios de frio e a tremer. Mas o Inverno é assim, e é para todos. Deixo aqui só a lembrança do calçado.

João Ribeiro



O Laurindo, chefe eleito da nossa Casa de Setúbal.

SETUBAL

ELEIÇÕES — Realizou-se no passado dia 6 mais uma eleição de chefes. Desta vez por causa do «Pisco» ter ido prestar serviço militar. Foram candidatos o Laurindo, Luis, Marques e Matateu. Eis a votação: Laurindo, 19 votos; Matateu, 15 votos; Luis, 7 votos; Marques, 4 votos.

No final demos graças a Deus, por nos ter ajudado a escolher o rapaz mais capaz de arcar com a responsabilidade — o Laurindo. Desde já lhe dou os meus parabéns e que a chefia lhe corra bem. Antes do «Pisco» partir para a tropa, houve um jantar de homenagem.

No final, falaram alguns rapazes, ele inclusive que nos disse: «Ser chefe não é apenas ser amigo do Sr. Padre Acílio; não é mandar fazer. Ser chefe é ensinar a fazer, ser amigo de todos. E é preciso, também, um bocadinho de boa vontade da vossa parte».

X X X

Realizou-se depois a eleição de chefes do Lar. Foram candidatos: Quim, Jorge e «Charruas». A votação foi a seguinte:

«Charruas», 13 votos; Jorge, 3 votos; Quim, 1 voto. Do mesmo modo

no conjunto da Receita! Para todos os nossos leitores um muito obrigado pela vossa perseverança.

Temos pena de não poder abusar do espaço do «Famoso!» Teríamos agora excelente oportunidade para tecer uma análise aos valores espirituais dos números supracitados. Que terminaria com um SOS dirigido a paróquias em que, praticamente, o Pobre é, ainda hoje, um verdadeiro pária—por culpa dos cristãos. Não há dúvida que, para uma autêntica valorização doutras obras e obrinhas de sentido estritamente vertical, a Sociedade de S. Vicente de Paulo deveria ser—em cada paróquia—outra Mesa comum. Em que todos participassem—cristãos e homens de boa vontade—ao menos com o desprendimento de uma parte do seu superfluo e, sobretudo, com os olhos e genica da alma toda. Seria realmente um trabalho de mentalização á escala diocesana; desde os Pastores às suas ovelhas. E realizar-se-ia, assim, a Vontade do Pai do Céu. E um velho sonho de Pai Américo—cada freguesia cuide dos seus Pobres. E mais e mais. Isto dava pano para mangas.

O QUE RECEBEMOS — O nosso silêncio forçado deu azo a que o monte crescesse! Vamos lá resumir a procissão:

Abre a assinante 17740 com 20\$00. O mesmo de uma funcionária dos C. T. T. U., de Lourenço Marques. Metade da assinante 17096. Ois da Ribeira, 50\$00. O mesmo do assinante 11247. Mais 20\$00 de «Uma assinante» de Penafiel. Exultemos com os poucos que nos lêem, aqui ao pé da porta! Mais 10\$00 da assinante 14941. E mais 50\$00 do 19098, de Miramar. E outros 20\$00 de A. S., do Porto. Mais 300\$00 de uma senhora de Coimbra. Já é tradição! Mais 20\$00 de J. B. J. E 50\$00 da R. Costa Cabral - Porto. E muita atenção: «A Conferência de Nossa Senhora do Bom Sucesso - Belém - Lisboa, oferece 100\$00 à sua congénere de Paço de Sousa». A carta vinha assinada pela Tesoureira. Que forma prática e exemplar de geminagem! Que Deus vos ajude mais e mais. Que ele multiplique, na vossa paróquia, esses 100\$00 por uma infinidade deles. Pois sabeis como haveis de repartir. Mais 50\$00 de um Médico amigo das Caldas da Rainha. Conhecemo-lo pela letra—que a legenda é anónima. Mais 50\$00 da assinante 28818, de S. João da Madeira. E os 20\$00 muito certinhos de A. F., do Porto. Mais uma carta: «Queridos Gaiatos: Aprecio muito as vossas obras de caridade e de apostolado. E, não tendo roupas para vos mandar, envio 50\$00 para com outras miga-galhinhas que vos ofereçam podem enxugar alguma lágrima como o vosso santo Fundador vos ensinou com o seu exemplo! São votos duma velha que compreende os novos! Deus vos abençoe...» Como a gente gosta que os velhos falem sempre assim aos novos! Sem distâncias, sem arame farpado—e com obras na mão. Assim, sim. E continue, boa Amiga, a ser exemplo doutros pais que preferem que os filhos sigam prás canastas e prós «hyp-pies» (é assim que se escreve?) e para outros «benefícios» em que o mundo é fértil. «Benefícios» do «progresso» que se pagam bem caro. E com prejuizos de tal ordem que são mesmo irremediáveis. O que a gente vê nos jornais! E o que a gente ouve pela rádio! E mais... santo Deus! Dizem os sociólogos que são as consequências da «civilização industrial»... Isto também dava pano pra mangas! Fiquemos nas reticências. Mais 30\$00 da assinante 6746. Mais 20\$00 da 1110, de Leixões. O mesmo da 7604, do Porto. Idem, do Largo D. João III - Porto. «Os habituais 40\$00 da assinante 17022». Um pacote de roupas do Telhal. E, finalmente, 30\$00 do Capitão de uma unidade militar. São metralha de Paz! Que Deus o ajude.



«Charruas», novo chefe maior do Lar.

que ao Laurindo, apresento os meus parabéns ao «Charruas».

Para terminar esta crónica, vou contar um caso curioso que surgiu nas eleições de chefes. O escolhido não é desta Casa, mas da de Paço de Sousa! Adeus até á próxima.

Rui

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

AS NOSSAS CONTAS—É costume fornecermos, todos os anos, uma breve síntese da nossa acção material. Ai vão, pois, as contas de 1968

RECEITA — Saldo do ano anterior, 7\$30; Colectas nas reuniões, 626\$00; Subscritores, 16.612\$60; Peditórios na Igreja paroquial, 4.451\$50; Donativos: por intermédio do Jornal «O Gaiato», 7.027\$60 e outros, doutras proveniências, 3.623\$10; Diversa, 6.894\$50. Total da Receita: 39.242\$80.

DESPESA — Géneros alimentícios, 24.001\$90; Ajudas em dinheiro 4.494\$20; Farmácia e Assistência médica, 3.774\$00; Rendas de casas, 460\$00; Auxílios para reparação de moradias, 1.919\$00; Diversa, 310\$00. Total da Despesa: 34.959\$10. Saldo para o ano seguinte: 4.283\$50.

A contribuição dos nossos leitores baixou um nadinho, em relação ao ano anterior. Todavia, é evidente, continua como segunda rubrica pela ordem de grandeza,

★ BELEM ★

Cont. da PRIMEIRA página

me hei-de dirigir e hesito mesmo se se deve ou não fazê-lo. Se ela continua á solta, daqui a pouco torna a arranjar outro. Tenho medo de não proceder bem e por isso peço o seu conselho.

Daqui o dois meses deve nascer o bebé e sinto-me embaraçada. Actuar, não actuar? Não me quero poupar a trabalhos, se pudesse fazer algum bem, mas, por outro lado hesito sem ter a certeza do melhor caminho.

Por tudo que me possa dizer muito obrigada.»

Pudera eu minha Senhora, encontrar conselho eficaz para remediar tão grande mal. Mas, a sua perplexidade seria também a minha, se estivesse no seu lugar. Porque, a única solução boa seria o internamento da pobre mulher, tanto para ela como para a sociedade. Ou

então o internamento de todos esses... animais (animais ou anormais), que andam pelos caminhos da vida, a semear desgraças. Mas, se não há casas para essas infelizes, onde encontrá-las para estes, que são em maior número?

Vamos ao fundo da questão. Enquanto o nosso cristianismo acomodaticio continuar a aceitar que os Mandamentos Divinos são 10 para as mulheres, mas só 8 para os homens, claro que terá que haver, porque indispensáveis, as desgraçadas, frustradas, repudiadas. Portanto, há que fechar os olhos, fazer que se não vê.

Grande parte das mulheres que descem até á prostituição, se não são completamente anormais, como essa, de que fala, são portadoras de taras, desequilíbrios, tendências sexuais hereditárias. Portanto, necessitadas duma protecção especial. E bom seria que dela pudessem beneficiar, antes de se torna-

rem viciadas. Porém, em grande parte dos casos, as coisas passam-se assim: O Estado ou as Obras particulares recolhem os infelizes frutos dessas uniões ilícitas. Essas crianças crescem e chegam á adolescência, altura em que voltam ao seu meio de origem. Se esta é a idade dos desequilíbrios, até para os filhos das famílias sãs, quanto mais para estas! É então que se manifestam todas essas tendências hereditárias. Juntamos ainda o choque com o meio, em que encontram tantos perigos para que não vão armadas.

Não tendo as raparigas o equilíbrio e bom senso indispensáveis para viverem sobre si próprias, em inteira liberdade, deveria procurar-se para elas solução adequada, antes que fossem levadas pelo caminho do vício. Mas não! Empurram-se para a brecha, o resultado aparece á vista, na percentagem das ex-internadas, que vão engrossar o número das que rondam pelas estradas, já que agora não há licença de casa fixa.

O problema das anormais, taradas e incapazes muito me preocupa.

Mas, se amanhã vier a encontrar uma solução para elas, donde me virá o direito de as conservar sob a protecção da Obra?

Inês — Belém — Viseu



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Júlio Mendes